

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram divulgadas.)

73. BANDEIRAS E MONÇÕES

Por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo (1954), a Livraria Martins Editora, com o patrocínio da comissão organizadora das comemorações da grata efeméride, publicou, sob a direção de Afonso de Taunay, a **Biblioteca Histórica Paulista**, nos moldes da **Biblioteca Histórica Brasileira**, publicada alguns anos antes pela mesma editora, sob a direção de Rubens Borba de Moraes. A nova coleção compreendia dez títulos valiosos da bibliografia histórica paulista, entre eles alguns clássicos, como as obras de Frei Gaspar e Pedro Taques, os **Apontamentos Históricos**, de Azevedo Marques, e alguns relatos de viajantes que percorreram a Província no século passado, como Saint-Hilaire, Tschudi, Zaluar e D'Alincourt. Integrando a **Biblioteca**, promoveu Taunay a publicação de dois volumes de textos relativos ao Bandeirismo, aos quais intitulou **Relatos Sertanistas** e **Relatos Monçoeiros**. Nem todos os textos inéditos, mas eram como se o fossem, pois haviam sido estampados em publicações antigas e de difícil acesso.

Em **Relatos Sertanistas** reuniu Taunay os documentos constantes da Coleção Félix Pacheco, da Biblioteca Municipal de São Paulo, e mais alguns documentos importantes sob penetrações pelo sertão, entre eles o roteiro de Silva Braga relativo ao descobrimento de Goiás, bem como outros sobre Mato Grosso.

O volume sobre as Monções vem precedido de excelente ensaio de quase cem páginas sobre o movimento monçoeiro e contém, entre outros documentos valiosos, o **Diário da Navegação**, de Teotônio Juzarte, que já havia sido divulgado pelo próprio Taunay em mais de uma ocasião, a "carta de um passageiro de monção" e a relação da viagem do Conde de Azambuja de São Paulo a Cuiabá.

Os volumes da **Biblioteca Histórica Paulista**, dado o caráter de publicação semi-oficial, desapareceram logo das livrarias, pois a maior parte da edição fora distribuída pela Comissão do Quarto Centenário. O mesmo

ocorreu com reedição feita em 1972, comemorativa do sesquicentenário da Independência, fora de comércio e apenas distribuída a entidades culturais. Coube, agora, à Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, trazer de novo ao mercado, em edições fac-similares, os preciosos livros da **Biblioteca Histórica Paulista** e entre eles os dois textuários relativos ao bandeirismo e às monções. Integram a coleção "Reconquista do Brasil", nova série, na qual têm os números 33 e 34. (19/5/1982.)

*

74. O LIVRO DO ENGENHEIRO DODT

Natural da Alemanha, mas brasileiro por naturalização, doutor em Filosofia pela Universidade de Iena, Gustavo Luís Guilherme Dodt (1831 – 1903) veio ao Brasil contratado pelo Barão de Capanema para o antigo Ministério da Agricultura e Obras Públicas. Passou a maior parte da vida na pátria que adotou, vivendo em Juiz de Fora, em Natal, em São Luís do Maranhão, em Fortaleza e, finalmente em Blumenau, onde faleceu aposentado como engenheiro da Repartição Geral dos Telégrafos. Um seu neto, nascido no Ceará em 1888, veio a ser o conhecido escritor Gustavo Barroso, que pertenceu à Academia Brasileira, deixando numerosa obra sobre temas de folclore, história, doutrina política, heráldica, além de contos e romances, tendo, ainda, atuação destacada na Ação Integralista Brasileira, fundada por Plínio Salgado.

O engenheiro Dodt, além de numerosos trabalhos técnicos que realizou no exercício de sua profissão (plantas, mapas, levantamentos cartográficos etc.) demonstrou também grande interesse pelos problemas de economia, geografia, ciências naturais, folclore e assuntos culturais em geral. Deste seu espírito curioso e observador é prova o livro **Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi**, publicado originalmente no Maranhão, em 1873. Livro, aliás, bastante prejudicado pelo título, dando a entender aos leitores menos avisados tratar-se de obra técnica, versando apenas problemas de hidrografia, quando, no entanto, constitui notável subsídio para a geografia, a etnografia e o folclore de região na época pouco conhecida.

Quase setenta anos ficou o livro do engenheiro Dodt ausente das livrarias sem que dele se fizesse nova edição, o que só ocorreu em 1939, quando seu neto o publicou de novo na preciosa coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional (vol. 138). Ao texto desta nova edição, Gustavo Barroso acrescentou uma nota biográfica com fotografia do autor e, ainda, a citação do que Sacramento Blake escreveu sobre ele em seu precioso **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. E agora, mais de quarenta anos depois, chega-nos uma nova edição do precioso livro, não

mais na coleção “Brasília”, mas noutra coleção igualmente valiosa, a “Reconquista do Brasil”, da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte (vol. 38 da Nova Série). Reproduz integralmente a edição de 1939, com a mesma nota biográfica de Gustavo Barroso e a citação de Sacramento Blake. Apenas foi eliminado o retrato do autor e suprimido — o que é deveras lamentável — o mapa que acompanhava a edição original e que Gustavo Barroso reproduziu na sua edição de 1939. Contém, entretanto, nas “orelhas” das capas, excelente nota sobre o autor e o livro. Como de hábito, a editora mineira timbra em ignorar as edições anteriores, dando a impressão que é a primeira vez que o livro se publica. (16/6/1982.)

*

75. O ACHADO NÃO PROCURADO

Quando estava colhendo material para o meu livro sobre Afonso de Taunay, empenhei-me por meses a fio em conseguir o primeiro livro publicado pelo grande historiador que, por sinal, não era sobre história, mas um **Léxico de termos técnicos e científicos**. A lexicologia fora, de fato, uma das áreas de interesse de Taunay, que publicou sobre o assunto pelo menos meia dúzia de livros. Não tinha pelo tema nenhum interesse especial. Era apenas a curiosidade ou, melhor dizendo, um sentimento afetivo que me levava a querer ter em minha estante o primeiro livro de meu biografado.

Léxico de termos técnicos e científicos fora publicado em 1909, no “Anuário da Escola Politécnica de São Paulo” (da qual Taunay era professor) e tirado em separata no mesmo ano. Qualquer das modalidades me serviria, pois se tratava do mesmo texto. Tudo indicava ser mais fácil encontrar a separata que o próprio Anuário. Mas, foi este que consegui, graças ao conhecido livreiro e amigo Olinto de Moura. Como a única coisa que me interessava era o **Léxico** de Taunay, arranquei-o a fim de mandar encaderná-lo junto com outros trabalhos menores do autor, dispondo-me a jogar fora o restante do volume. Foi quando me decidi a folheá-lo para ver o que poderia conter uma publicação, mais que sexagenária, da Escola Politécnica. E para minha surpresa, de mistura com uma tese sobre álgebra, um relatório sobre exames em laboratório de zootecnia e um estudo sobre a fertilidade dos solos, deparei com belíssimo estudo sobre o Renascimento italiano, da lavra do Dr. Alexandre Albuquerque, professor da Escola e da qual veio a ser diretor, muitos anos mais tarde. Eis como, às vezes, o acaso favorece a pesquisa. Pela via normal, jamais me passaria pela cabeça procurar numa revista de

engenharia um estudo sobre o Renascimento. No entanto, fui encontrá-lo sem a menor preocupação de procura.

Trata-se de uma tese apresentada à Congregação da Politécnica como uma espécie de prestação de contas do prêmio de viagem à Europa com que o ilustre professor fora agraciado. O Dr. Alexandre Albuquerque, a quem conheci já no fim da vida, sempre demonstrou grande interesse pelas coisas da cultura humanística e histórica. Tanto que, quando diretor da Politécnica, promoveu a publicação, pela Escola, dos dois alentados volumes que Afonso de Taunay escreveu sobre o Padre Bartolomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática. Mas o belo estudo sobre o Renascimento, que de maneira tão casual me caiu às mãos, superou as minhas expectativas e é, sem exagero, que posso indicá-lo entre os melhores trabalhos existentes sobre o palpitante tema. Eis o resultado totalmente inesperado de um... achado não procurado. (14/7/1982.)

*

76. DOIS REPAROS A UMA ENTREVISTA

Tive a honra, há pouco, de ser convidado pela revista "Manchete" para uma entrevista coletiva a propósito do cinquentenário da Revolução de 1932. Embora avesso por temperamento e por experiência a essa atividade, julguei que devia aceitar o convite, não só porque à entrevista compareceriam expressivas figuras da intelectualidade paulista e muito me honraria figurar entre elas, como ainda pelo fato de ter participado, pouco antes, de um curso sobre o tema, promovido em São Paulo pela Academia Paulista de História. E, como se não bastasse, ainda a garantia da seriedade da entrevista, conduzida que foi por Glauco Carneiro, e pouco depois, publicada em caderno especial em um dos últimos números da prestigiosa revista.

Com toda a percepção e acuidade com que Glauco Carneiro apreendeu tudo quanto então se falou (a entrevista não foi gravada), duas coisas com relação ao que eu disse merecem reparo, pois truncaram totalmente meu pensamento. A primeira, quando se diz que, ao contrário dos demais entrevistados, eu prefiro fazer história na base do "se". Ora, o que eu disse foi justamente o contrário, isto é, que não se pode fazer história na base do "se". A história tem que considerar o que efetivamente aconteceu e não o que teria acontecido se... Disse apenas que, como exercício mental, pode-se às vezes invocar o "se". E isto veio a propósito do que efetivamente disse: se, Getúlio Vargas, em vez de nomear João Alberto para o governo de São Paulo, tivesse nomeado Batista Luzardo (como era sua intenção), teria sido muito diferente a história paulista dos

anos que se seguiram a 1930, e a Revolução de 32 nem teria sido necessária. Luzardo era homem da confiança do Partido Democrático (o novo “dono do poder” em São Paulo) e sempre se colocou ao lado da causa paulista, inclusive na Revolução cujo cinqüentenário ora se comemora.

O outro reparo é quanto a ter eu considerado um dos grandes erros de Getúlio o não ter dado a devida divulgação ao Decreto nº 21.402, de 14 de maio de 1932 (quase dois meses antes da Revolução), marcando a data de 3 de maio do ano seguinte para as eleições à Assembléia Constituinte. Getúlio errou muito, não há dúvida, mas não foi nesse ponto que residiu seu erro. A divulgação foi dada pelos recursos da época. Agora, porque os chefes da Revolução Paulista fizeram questão de ignorar o ato de Vargas, que teria tornado desnecessário o movimento de 9 de julho, isto é outra história que, um dia, certamente será contada. O resultado é realmente melancólico: uma revolução feita para apressar o processo de reconstitucionalização do país, não o fez adiantar um dia sequer. As eleições acabaram-se realizando no mesmo dia que Vargas havia marcado dois meses antes, do heróico movimento paulista. E, se outros motivos houve para a arrancada de 1932, o julgamento histórico do futuro o dirá. (21/7/1982.)

*
* *
*